

N. CLASS.
CUTTER
ANO/EDIÇÃO

FACULDADE TRÊS PONTAS – FATEPS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TAINARA BATISTA

**PROVÁVEIS CAUSAS DA INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA INDISCIPLINA
ESCOLAR DA CRIANÇA**

Três Pontas
2016

FEPESMIG

TAINARA BATISTA

**PROVÁVEIS CAUSAS DA INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA INDISCIPLINA
ESCOLAR DA CRIANÇA**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura sob a orientação da Profa. Ma. Eliane Maria Morais Menegatto.

TAINARA BATISTA

**PROVÁVEIS CAUSAS DA INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA INDISCIPLINA
ESCOLAR DA CRIANÇA**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS como
pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura pela
Banca Examinadora composta pelos membros:

Aprovada em: 23 de junho de 2016.



Profa. Ma. Eliane Maria Morais Menegatto

Profa. Esp. Ana Cristina Naves

Prof. Esp. Heder Naves Batista

OBS.:

PROVÁVEIS CAUSAS DA INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA INDISCIPLINA ESCOLAR DA CRIANÇA

Tainara Batista*
Eliane Maria Morais Menegatto**

RESUMO

Este trabalho analisa prováveis causas da influência da família na (in) disciplina da criança que se estendem desde o ambiente familiar até a instituição escolar. Tal abordagem torna-se relevante pelo fato de algumas crianças não se comportarem de maneira considerada adequada dentro da sala de aula. O objetivo deste trabalho é entender as causas desse mau comportamento e, o que faz as crianças terem comportamentos considerados indisciplinados. O estudo se dá mediante pesquisa teórico-bibliográfica, embasada em autores como Içami Tiba (1997; 2006); Almeida (2011) dentre outros que tratam do tema. A pesquisa analisa como fator importante para a conscientização sobre a disciplina está na família, na sua estrutura, nos arranjos familiares da atualidade, valores éticos, culturais e morais que elas querem transmitir às crianças. Discute a forma como a família lida com a disciplina no seu cotidiano. Destacou-se a necessidade tanto de família quanto escola, repensar as suas práticas enquanto mediadores do conhecimento, considerando a importância da convivência dentro dessas instituições bem como a função de formar o filho/aluno para que o mesmo possa desenvolver a sua autonomia e respeito com o suporte desta parceria diante dessa responsabilidade de seus papéis. Família e escola ensinam e advertem de maneiras diferentes, mas, todos têm sua parcela de responsabilidade na formação do indivíduo.

Palavras-chave: Comportamento. Limites. Responsabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Entender as prováveis causas da indisciplina escolar da criança, que fatores contribuem para que isso ocorra e de que forma os pais tem um papel relevante nesta jornada.

Levam em consideração também os vários arranjos familiares, a afetividade que une as

*Tainara Batista: Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Três Pontas FATEPS. tainaratpvip@hotmail.com

**Eliane Maria Morais Menegatto: Prof^a Mestra do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Email: menegattoeliane@gmail.com

peças, entendendo que aquela família matrimonializada não é mais o único modelo idealizado – elas buscam ser felizes, da maneira que lhes agrada mais, não tem um padrão único. Descreve-se nesse estudo prováveis causas da influência da família na indisciplina escolar da criança, qual é a causa deste problema tão comum na sociedade e que passa muitas vezes despercebido pelos pais. Diante das diferentes causas da indisciplina, importante conhecer este conceito não como um fato esporádico, mas aquele comportamento contínuo que ocorre por várias razões e causas. Uma dessas causas, deve-se ao fato de que, os pais muitas vezes delegam à escola a educação dos filhos, não desenvolvendo seu papel corretamente.

É importante ressaltar também a contribuição desse estudo para a comunidade e para a prática docente, direcionando o trabalho do professor. Sabe-se, que a família é essencial na formação da criança, o que requer a parceria com a escola.

Este trabalho poderá contribuir para que alguns pais entendam seu papel, colaborando com a prática docente, desenvolvendo um trabalho em conjunto com a escola.

2 AS MUDANÇAS NO CONCEITO DE FAMÍLIA

O tratamento dado à criança, pela família e sociedade, tem sofrido profundas modificações durante a história, estando relacionado à visão política, social e econômica de cada etapa de vida em sociedade.

Cada sociedade, em certo momento histórico, apresenta uma visão a respeito da infância e os direitos a ela conferidos, bem como ao papel atribuído à família. Entende-se, que liberdade e responsabilidade são argumentos que devem andar juntos, um complementa o outro. Os pais devem saber conduzir as duas coisas ao mesmo tempo.

A liberdade concebida desta maneira, em práticas sócias diárias, é uma condição que poucos filhos têm. Muitos filhos têm determinações de horários de saída e de chegada, determinações de quanto gastar e em que gastar e assim por diante. Há poucas famílias em que as regras são inexistentes. É claro que há outras estruturas de se viver junto que não podem ser chamadas de famílias. Muitos vivem sob o mesmo teto, mas não existe uma razão única para se viver assim, e é justamente esta razão única, que é a dependência do amor do outro, que constitui os laços familiares; caso contrário, por que teríamos de viver junto de uma pessoa que nos dá bronca, que não nos deixa sair com quem queremos e na hora em que queremos? Vivemos juntos porque precisamos do amor do outro para existirmos, e isto é humano. (ALMEIDA, 2011, p.124).

Os pais precisam de autoridade para com seus filhos. Se uma regra é descumprida e

os responsáveis da criança fazem ameaças de castigo, e mesmo com a solicitação feita ela continua desobedecendo, precisam cumprir o prometido, seja positiva ou negativamente, uma vez que só ameaçar e não cumprir, pode deixar a criança indisciplinada e, poderá mais tarde repetir o feito. Não respeitará as regras e nem aos pais. É necessário que haja harmonia entre os pais, e que cada um assuma suas próprias atitudes, especialmente, se a criança estiver por perto (ALMEIDA, 2011).

O problema é que alguns pais, por terem sido frutos de famílias muito cerceadoras, querem uma espécie de alforria para seus filhos. Esses começam a deixar as coisas soltas demais, tudo pode, não há regras, e ninguém fica pegando no pé do outro. O que vai acontecer mais tarde é que uns irão começar a precisar de modelos, de imposições, de determinações, e ninguém ali irá desempenhar este papel. Filhos precisam de pais. (ALMEIDA, 2011. p.124)

Percebe-se que muitas vezes os pais deixam de tomar atitude diante de fatos, o que faz com que os filhos não tenham em quem se espelhar. Sabe-se que os filhos aprendeu esse modelo dos pais. O papel de pai e mãe, não tem jeito de ser substituído, a criança necessita de uma referência.

Quem é mais livre: a cigarra que canta ou a formiga que trabalha? Nenhuma das duas. Tanto a cigarra quanto a formiga seguem seu determinismo genético. Cantar é a função da cigarra, como trabalhar é a da formiga. Ambas não conhecem a liberdade pessoal. O fato de cantar confere à cigarra uma falsa impressão de liberdade, mas esta só existiria de fato se ela pudesse optar entre trabalhar e cantar e escolhesse a segunda alternativa. No começo da vida, a criança é como esses insetos: instintiva. Quanto mais próxima estiver do nascimento, maior o seu determinismo biológico. A criança não sabe o que é liberdade pessoal. Simplesmente faz o que tem vontade de fazer. (TIBA, 1996, p.50).

Sabe-se que certos atos tomados pela criança podem ser instintivos, já que seu determinismo biológico, pertence à força de certas causas, internas e externas. A criança ainda não controla seus impulsos.

Se na atualidade espera-se que as crianças venham a ser adultos possuidores de tudo aquilo que hoje nós não temos imaginariamente, bem como, por cima, trata-se de consegui-lo graças à metódica observância de um programa tanto moral quanto natural, então, por um lado, toda empresa pedagógica acaba se revelando pouco eficaz, e, por outro, os alunos acabam se transformando em crianças mais ou menos indisciplinadas. (LAJONQUIÈRE apud AQUINO, 1996, p.32).

A criança é um ser em desenvolvimento, e se o adulto a vê como um ser possuidor, de tudo aquilo que lhe faltou na infância, ele idealiza para a criança esses sonhos de consumo, deixando de lado o que é realmente importante para o desenvolvimento do mesmo. O campo

pedagógico não consegue articular as duas coisas, é necessário reinventar o cotidiano escolar, pois na escola essas crianças precisam aprender a ser mais reflexivos e críticos.

2.1 As primeiras histórias de família

A discussão sobre o conceito de família envolve definições complexas e, quando se fala de criança na família, a complexidade torna-se maior à medida da necessidade de se discorrer sobre a trajetória histórica da convivência dessas duas realidades.

As relações entre crianças e adultos foram se transformando ao longo da história. Durante muito tempo, a criança foi vista, como miniatura de adulto, passando por sucessivas mudanças, a partir do século XV (FERRIANI, 1992 apud CONSTANTINO, 2013). Para o autor

[...] verifica-se que a infância, independentemente da classe social, era considerada uma fase bastante curta, pois assim que demonstravam condições de viverem sem os cuidados básicos maternos para sua sobrevivência, as crianças ingressavam no mundo dos adultos passando a ser consideradas iguais. (FERRIANI, 1992, apud CONSTANTINO).

Não era importante tratar do contexto familiar, sendo este, considerado um verdadeiro transtorno. Ignoravam-se as etapas de crescimento e desenvolvimento infantil. Inexistia registro de nascimento, uma vez que era pouco significativa a idade real para identificar as pessoas (AIRÈS, 1973). Continua o autor (p.225-226) que “o infanticídio ocorria muito nas famílias mais pobres da sociedade e na maioria das vezes de maneira acidental, quando, ao dormirem, os bebês morriam asfixiados na cama dos pais. Para essas famílias, o filho chegava a ser uma ameaça à própria sobrevivência dos pais sendo muitas vezes abandonado.”

Essa visão trazia ainda o entendimento de que a criança é considerada com um adulto, sem características próprias.

Até o início do século XVI, as crianças não eram diferenciadas dos adultos, não havendo preocupação social com essa fase do desenvolvimento do homem. Segundo Airès, a aprendizagem infantil era transmitida de uma geração à outra de forma direta, porém, as crianças de 7 a 9 anos de idade, de qualquer classe social, eram enviadas para casas alheias a fim de serem educadas. (AIRÈS, 1973, p. 231).

A partir da influência dos eclesiásticos, as crianças passaram a serem consideradas com “anjos”. Diante dessa ideia, uma nova visão, viu-se a necessidade de proteção especial às mesmas, com o objetivo de protegê-las do triste mundo dos adultos. Assiste-se dessa forma,

profundas alterações, ocorridas durante o século XVI, marcadas por grandes mudanças de costumes, fruto da influência de religiosos e moralistas (AIRÉS, 1973).

Quanto à área educacional, de acordo com Airés (1973), durante todo o século XVI, crianças e adultos eram educadas conjuntamente, não havendo separações entre as diferentes idades. A partir do século XVII, intensifica-se a preocupação em educar separadamente crianças e jovens, visando transmissão de disciplina e o aperfeiçoamento espiritual e moral.

De acordo com o citado autor a discussão chegou ao século XVII ao século XIX, as representações sociais sobre a infância, bem como a forma de lidar com os problemas do qual eram vítimas, se alteravam: de miniatura de adulto, exigindo dela responsabilidade de adulto, a caso de polícia, às tratando com objeto de tutela judicial, especialmente em casos de transgressões e indisciplina. (AIRÉS, 1973, p. 252).

A família do século XX, de acordo com Osório (2002), passa a ser entendida como uma instituição que assume configurações diversificadas nos distintos grupos sociais e na sociedade como um todo. Entende-se por isso, que as situações vivenciadas nas antigas famílias, até os dias de hoje, vem sofrendo diferentes mudanças quanto ao modelo familiar, o que se faz deduzir que a instabilidade, volubilidade são características essenciais do grupo familiar.

Para o autor é somente no século XX, que a criança deixa de ser misturada aos adultos e de aprender a vida em contato com eles, sendo inventada, então, uma condição especial: a infância. Legalmente, a criança só passa a ser considerada “pessoa” na segunda metade do século XX, e a partir do fim do século XIX e começo do XX a palavra “menor” aparece no vocabulário jurídico brasileiro. Antes dessa época, o uso da palavra não era tão comum e tinha significado restrito (OSÓRIO, 2002).

2.2 A família nuclear – produto da sociedade contemporânea

Quando se pensa no conceito de família, logo se tem a ideia da figura de um pai, uma mãe e filho, aquele conceito patriarcal de séculos passados. Atualmente este conceito mudou e a figura da família se transformou. Hoje a família é aquele grupo de pessoas que vivem juntas e com desejos comuns. Segundo Lopes (2003), entende-se por família um grupo de pessoas identificado não somente por laços sanguíneos, mas também por compromissos em comum, que vivam num mesmo lar.

No contexto atual, não há uma forma de se identificar uma família somente como pai, mãe e filhos, pois a realidade é outra. Nestas novas estruturas muitos pais se separam e deixam a responsabilidade dos filhos só para a mãe ou, vice-versa, ou, ainda, com os avós, que passam a serem responsáveis pelo desenvolvimento da criança.

Atualmente, cada vez mais as mulheres precisam sair de casa para trabalhar, para ajudar nas despesas de casa, ou, para poder dar o melhor para seus filhos ou complementar a renda do esposo. Há vários fatores que influenciam as mulheres tomarem certas decisões, acreditando no que é melhor para todos, e, muitas vezes deixa as crianças com avós, babás ou em creches (TIBA, 2007).

Segundo o autor (2007), para suprir a sua ausência, quando volta do trabalho, tudo o que a criança quer ela permite, tentando explicar o seu distanciamento do lar ou até mesmo pelo cansaço após sua rotina de trabalho.

Compreende-se, que educação deve ser feita pelos pais, eles sim são responsáveis pela criança e quando precisar devem fazer um acordo com os avós da criança, já que vão passar um maior tempo juntos, e é necessário um acordo entre as partes envolvidas, para um melhor envolvimento.

Os avós vivem outro momento da vida. Já criaram os filhos [...]. E agora, diante dos filhinhos dos filhos, têm tempo livre (que os pais nem sempre têm), afeto disponível e, algumas vezes, dinheiro suficiente para dar aos netos. Por isso é mais que necessário um diálogo entre pais e avós, para deixar claras as funções de cada um, para não tirar a autoridade e nem deixar essa criança com tanta permissividade. O autor (2007, p.181), afirma que “os avós são ora grandes salvadores, ora grandes vilões na dinâmica familiar”. (TIBA, 2007, p.180-181).

Nota-se, pois, que os avós podem complementar a educação dos netos e os pais podem fazer suas críticas, devendo abrir espaço para o diálogo, já que seus pais tem uma bagagem, uma experiência que pode orientar a todos.

Segundo Tiba (2007, p.174), “ficar ou não em casa com a criança é o grande drama feminino depois do nascimento de um filho. A sobrevivência fala mais alto que a educação e obrigada a trabalhar, grande parte das mulheres não pode ficar em casa cuidando do(s) filho(s) o dia todo”. Muitas vezes por necessidade, a mãe deixa a educação de seus filhos nas mãos de outras pessoas e com isso, ela pode se tornar uma pessoa permissiva demais, deixando a criança indisciplinada e muitas vezes autoritária. Quando os pais não confiam em babás ou creches é a avó que cuida da criança.

Para o autor (2007, p.174), “aquele que toma conta da criança pode ou não ser uma pessoa positiva para sua educação. É importante avaliar se tem condições de educar, pois passam muito tempo juntos”.

Outro aspecto importante na família é que existe uma maior igualdade entre os sexos, a natalidade é mais controlada e o número de casamentos e de separações aumenta, porém, ainda é forte a dupla moral sexual. Os casamentos passam a ser efetivados a partir de escolhas individuais e as mulheres começam a entrar no mercado de trabalho (CUENCA, 2011).

Independente de seu perfil, a cooperação, consideração de valores, união e parceria são primordiais em um ambiente familiar, mas o essencial é o amor. Não importa como essa família de hoje é formada. O importante é que exista amor entre esses componentes. Há crianças criadas somente pela avó e não apresentam problemas comportamentais nem de aprendizagem, pois o amor estava sempre presente em sua vida. Há outras, filhos de pais separados que também não apresentam grandes problemas, quando na relação entre os pais há respeito e amor ao filho. Temos crianças, por outro lado, com famílias aparentemente estruturadas, mas demonstrando grandes distúrbios comportamentais e de aprendizagem. (LOPES, 2003, [S. p.]).

A família é fundamental na vida da criança, e é através dela é que receberão os valores, como a ética, moral dentre outros.

A escola, para a família atual tem um papel importante na vida de seus alunos, porém a sociedade confunde escolarização com educação, os pais passam toda a responsabilidade para a escola. Segundo Tiba (2007) quem educa é a família. A escola deve dar continuidade a ela.

O verdadeiro papel da escola é educar também, porém a educação deve priorizar o pedagógico. A família e escola devem cuidar de seus papéis. Se não há uma parceria entre família e escola, o processo de educação poderá ficar comprometido, e um desses processos, quando desorganizados, poderão refletir na questão da disciplina (LOPES, 2003).

Os filhos precisam de balizas para se espelhar, ainda que no sentido contrário. O ajustamento das ações que eles irão tomar vai depender do quanto eles puderam vivenciar em seus lares e do quanto seus pais puderam lhes ensinar. Ordens, modelos, diálogos, carinhos, compreensão e tantos outros sentimentos fazem parte da vida de cada um. Não há e não pode haver um culto à família feliz, sem problemas; o que diferem estas famílias das outras é que, nelas as verdades podem ser provisórias, e os erros são entendidos como parte de tudo. Nestas famílias, há todas as dimensões da vida humana e lá não se camuflam ou escondem sentimentos, pelo contrário, vivem-se todos, e com alegria. (ALMEIDA, 2011, p.125).

É no seio familiar que a criança se espelha nos pais, aprendem por modelos – a partir

desse aspecto estabelecem-se tanto a disciplina quanto a indisciplina nos espaços frequentados. Diante disso, o papel da família não pode ficar de lado, ela deve se unir à escola para poder desenvolver um trabalho em harmonia, e com isso fazer parte deste processo. Toda família tem seus insucessos, porém o que diferencia é a forma que cada uma os dirige.

Conforme este modelo, a família é formada por laços de afetividade, que se relacionam para alcançarem objetivos comuns.

Não existe mais o modo produtivo e reprodutivo da família. Esse grupo familiar em geral sobrevive nos grandes centros urbanos, em espaços menores, o que facilita a aproximação destas pessoas. Devido a isso o vínculo afetivo acabou se tornando extremamente importante nestas relações. A família moderna, nuclear, é influenciada pelo individualismo, não se liga muito aos laços de parentesco, como antes, no entanto é bastante centrada no afeto entre seus membros (MARIANO, 2009).

A família atual, nuclear, que conhecemos é composta por pai, mãe e filhos, só se consolidou a partir do século XVIII. Foi neste momento que a família passou a se organizar em torno da criança e a erguer entre ela mesma e a sociedade o muro da vida privada.

Até então, para as mulheres de pobres, o filho constituía-se em um estorvo, uma vez que essa era obrigada a trabalhar. A única alternativa que dispunham era a de entregar seu filho para as amas, e muitas vezes não voltava para pegá-lo. Muitas dessas crianças morriam e outras eram abandonadas pelas amas em asilos próprios.

Normalmente é constituída por pai, mãe e filho(s), ou pai e filho(s), ou mãe e filho(s), se unem pelos laços de afetividade entre seus membros, que acabam ficando mais ligados uns com os outros.

A família atual brasileira passou por revolução. A mentalidade quanto ao dever da família para com seus filhos, altera-se. À mãe passa a ser requerido o cuidado aos filhos, a quem deve amamentar e cuidar até que se tornem independentes. Atualmente as pessoas se unem para se sentirem bem consigo mesmo, se unem para se sentirem realizadas, não mais por obrigação, da mesma forma elas acabam com relações que já não estão indo bem.

A família tradicional pautada pelo direito patrimonial após as codificações liberais está em extinção, pois a família contemporânea é fundada na solidariedade, na cooperação entre seus membros, no respeito à dignidade de cada um destes, que se obrigam mutuamente em uma comunhão de vida. (MARIANO, 2009, p.11).

Percebe-se, que o modelo de família nuclear não é mais a reprodução, mas sim a

afetividade, quando as pessoas entre si, precisam estar em harmonia para se darem bem, e a cada dia vão se organizando de formas diferentes, um afeto de vínculo verdadeiro e sadio.

2.3 Diferentes relacionamentos familiares

Atualmente, a família é composta por pessoas que vivem num mesmo lar. Com a evolução dos tempos e a revolução industrial, passou-se a ter diferentes agrupamentos familiares, embora ainda tenha indivíduos que tem dificuldades para aceitar estas relações, tanto no próprio âmbito familiar quanto a própria sociedade. A escola tem um papel fundamental para amenizar qualquer tipo de preconceito e discriminação.

Há uma diversidade de modelos e arranjos familiares se difundindo na sociedade. Diante dessas novas possibilidades de família, há indivíduos que conseguem adaptar-se facilmente às mudanças e outros que se deparam com conflitos pessoais e de relacionamento difíceis de serem desfeitos, fazendo com que a convivência em família se torne um conflito constante. (CUENCA, 2011, [S.p.]).

É necessário que a sociedade comece a pensar a nova constituição de familiar, especialmente considerando a Constituição Federal (Brasil, 1988) no Art.226 §8º, “somos todos iguais.” Têm-se vários tipos de relacionamentos o que requer um melhor entendimento e aceitação dos diferentes agrupamentos, como também o dever de respeitar a opção de cada um.

A família é considerada um dos principais agentes de socialização e de reprodução de valores e padrões culturais nos indivíduos. Dessa forma, a família não é só uma instituição de origem biológica, mas uma construção social, um espaço que fornece a garantia da sobrevivência, de desenvolvimento e proteção dos envolvidos. (CUENCA, 2011, [S.p.]).

Entende-se, que a família independente de sua forma estrutural, deve desenvolver de forma significativa o seu papel, e para tal, é necessário que ela evolua, assim como a sociedade se transforma a cada dia, o corpo familiar muda também. Segundo Mariano (2009) a evolução social trouxe também alterações legislativas diretamente voltadas para a família, estas mudanças trouxeram à tona um novo conceito de família, denominado eudemonista, que prima pelo afeto entre os integrantes da família. Este novo conceito é que se observa nos dias atuais, que independente do vínculo biológico, eles buscam entre si uma felicidade coletiva, criam vínculos comuns.

A família matrimonializada do início do século passado era tutelada pelo código civil de 1916. Este código tinha uma visão extremamente discriminatória com relação à família. A dissolução do casamento era vetada, havia distinção entre seus

membros, a discriminação, às pessoas unidas sem os laços matrimoniais e aos filhos nascidos destas uniões, era positivada. (MARIANO, 2009, p.3).

É essencial a conscientização sobre a importância da Constituição Federal (Brasil,1988), que foi um ganho para a sociedade em geral, que passou a aceitar os fins dos relacionamentos entre os casais, as mulheres passam a ter seu papel, ficaram independentes, além poderem ter a liberdade de escolha, e os filhos de qualquer união são aceitos e legitimados pela família, mesmo se eles não tiverem nenhum vínculo afetivo.

A transformação e flexibilização das relações entre casais deram-se pela busca da igualdade entre homens e mulheres. Parece que a escolha de casar por amor; de divorciar-se e de diferenciar-se, possibilitam maior bem-estar no indivíduo e/ou no casal. Em função desta demanda, foram surgindo novos arranjos familiares. (SANTOS, 2010, [S.p.]).

Percebe-se que fatores importantes contribuíram para o surgimento dos novos arranjos familiares. Hoje as pessoas convivem juntas para se sentirem bem, cada um faz a sua escolha, sem ter preocupações com o que outros vão pensar. Hoje, todos vêm convivendo com as novas formas de família que foram se distanciando muito do modelo formado pela família organizada no sistema patriarcal. A família contemporânea se pluralizou não se restringe mais, tampouco, as famílias nucleares, hoje, existem famílias recompostas, mono parentais, homoafetivas e mais um sem número de formas (MARIANO, 2009).

Compreende-se, que atualmente tem vários modelos de família, antes era considerado família, apenas o laço afetivo entre um homem e uma mulher, era um modelo padrão e a sociedade não aceitava outros estereótipos, hoje o modelo familiar mudou e surgiram leis que protegem essas famílias.

Segundo Collange (1994) em sua obra 'Defina uma família' há várias denominações dos arranjos familiares como:

Família casulo¹: aquela que se fecha em si mesma. Ela se basta.

Família Disneylândia: aquela que se reúne, principalmente com o grupo familiar maior, só em situações de festas.

Família clube: aquela que busca nas relações familiares somente um local para relaxar. Os membros dessa família não se envolvem em nada, não se preocupam, por exemplo, em pagar as contas da casa.

Família moderna: aquela onde há cooperação entre os membros. É o modelo de família que se encontra em maior número no Brasil atual.

Família tradição: é o modelo em que a figura do pai é a mais importante, o pai manda e os filhos obedecem.

Família monoparental: chefiada por um dos cônjuges por razão de ausência do outro.

¹ Grifos nosso

Família extensa: modelo em que moram todos juntos, ligados por vínculos consanguíneos.

Família reconstituída: modelo em que se tem por base uma nova união. Exemplo: Pai separado com filho casa-se com uma mulher que também já tem um filho.

Família aberta: são famílias abertas a qualquer tipo de relacionamento. Exemplo: Pais que aprovam que a filha more com namorado em casa. Tudo depende do tipo de relacionamento existente entre os membros.

Família invisível: aquela que fala que é, mas não é. É o modelo de família de fachada. Nesse exemplo, não há relacionamento entre eles.

Família nuclear: É o modelo padrão, formado por pai, mãe e filhos. Segundo o IBGE, esse é o modelo hegemônico da sociedade brasileira.

Família fragmentada: Nesse modelo, o genitor mora com avó ou avô da criança, integrando numa mesma casa três gerações. (COLLANGE apud FILHO, 2006, p. 127).

Percebe-se que a sociedade muda, e com ela o modelo familiar também mudou. Vive-se em uma sociedade diversificada, podemos perceber que o ambiente familiar, independentemente de seu modelo, é a base de construção da cidadania de cada indivíduo.

A família é uma espécie de espelho para os integrantes que a forma, e todos devem aceitar as diferenças de cada um, adaptando-se constantemente, quando necessário.

3 RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA E A EDUCAÇÃO

A cada dia que se passa percebe-se a ausência da família na escola, percebemos que a família não participa efetivamente da vida escolar de seus filhos. A família é o primeiro contato da criança, é ela quem vai modelar o temperamento e o modo de ser de seu filho, é na família que a criança se espelha, por isso ela desenvolve um papel tão importante e fundamental nesse desenvolvimento.

Sabe-se que a família é o ponto fundamental para a educação da criança, pois é no seio familiar que se recebe amor, segurança, confiança e aprende-se sobre ética, respeito, que fazem parte da vida em sociedade. Para Aquino (1996) a tarefa de educar é, essencialmente, da família e a tarefa docente, encerra-se no conhecimento acumulado e, esta já é difícil de ser executada. Tiba (2007, p. 178) completa que “É dentro de casa, na socialização familiar, que um filho adquire, aprende e absorve a disciplina para, num futuro próximo, ter saúde social. Seus maiores colaboradores são professores, mestres ou modelos, são os pais ou alguém que cative sua admiração.” Continua o autor que

[...] a educação familiar ganha um foco diante da disciplina para onde devem convergir muitas as orientações, os ensinamentos e exigências, os deveres e direitos, os relacionamentos afetivos, as relações de custo benefício, os aprendizados e práticas dos valores cidadãos, profissionais e pessoais, num

processo muito mais racional que emocional. (TIBA, 2007, p.271- 272).

Quando isso não acontece, conflitos emocionais são gerados, crianças tornam-se agressivas, desatentas e desobedientes, são os intitulados 'indisciplinados'.

Segundo Tiba (2007, p.276) “é neste ponto do desenvolvimento que os pais falham. Em vez de exigir que a criança faça, colocando limites no que não pode fazer, os pais querem ensiná-la outra vez.”

Muitas vezes, os pais, repetem as mesmas coisas, querendo que a criança faça, ensinando mais uma vez, ao invés de cobrar e usar um tom de voz mais firme, impondo os limites necessários.

Caso os pais relaxem e permitam que a criança faça, eles autorizaram-na a fazer pela omissão da proibição. Se uma proibição verbal não funcionar, é preciso que haja consequência. Consequência não é castigo, que funciona hoje como martelo em computador. O que vale é educar, portanto o filho tem de aprender a arcar com as consequências dos seus atos. De pouca serventia é os pais ficarem nervosos, gritarem, baterem... Os pais têm sempre que lembrar que educação é um projeto racional e não emocional. (TIBA, 2007, p.276-277).

Muitas vezes os pais deixam a emoção falar mais alto, e dizem coisas desnecessárias às crianças, e certas medidas não funcionam. Perde-se, muitas vezes a oportunidade de estabelecer limites a partir de valores morais e éticos. Outra questão da discussão é a necessidade de parceria família e escola diante da educação.

Quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas. Assim, pais e professores devem ser estimulados a discutirem e buscarem estratégias conjuntas e específicas ao seu papel, que resultem em novas opções e condições de ajuda mútua (LEITE; TASSONI apud KNOFF; CERUTTI,[S.d]).

Compreende-se que a família e a escola devem procurar caminhar juntas, de modo que tenha um olhar holístico sobre a formação do educando, como pessoa e como cidadão.

O envolvimento dos pais com a escola é essencial para a aprendizagem de sucesso dos alunos. Não basta que os pais saibam que o filho vai a todas as aulas e realiza as tarefas, eles precisam ter interesse no que cada tarefa consiste, e mostrar que estarão ali, apoiando a criança ou adolescente, independente de seu desempenho. (KNOFF; CERUTTI,[S.d], p.1).

A família deve desenvolver seu papel, perguntar, questionar, conhecer a vida escolar independente do desempenho deste aluno, para poder ajudar e dar seu posicionamento na carreira escolar do mesmo. Não basta apenas ele ir à escola, mas seu comportamento, suas

atitudes.

A problemática deste envolvimento são os pais que, por exemplo, executam as tarefas para os filhos (resolvem seus deveres de casa, pesquisam seus trabalhos para entregar) ou, quando estes falham em executá-las, procuram o professor para tratar do assunto, ao invés de deixar a criança assumir a responsabilidade pelos seus atos - como no clássico caso de um aluno terminar o ano com notas baixas e o professor ser inquirido a respeito, como se decidisse as notas arbitrariamente, e estas não fossem resultado do esforço e da dedicação do aluno. Este tipo de envolvimento dos pais é prejudicial, tanto no âmbito escolar - já que a criança não estará realmente aprendendo o que a tarefa objetivava -, como no campo pessoal - uma vez que o aluno não perceberá que suas ações têm consequências. (KNOPF; CERUTTI,[S.d], p.1).

Os familiares só procuram a escola quando as notas dos mesmos estão muito baixas, a ponto de ser reprovados, sendo que o acompanhamento deve ser feito dia-a-dia, ver a capacidade. O envolvimento do mesmo para resolver suas tarefas, não sozinho, mas com a ajuda do responsável. Toda ação tem uma reação, e eles devem saber o peso dessas consequências, não só como aluno, mas para levar para sua vida como cidadão.

Algumas vezes, como pontua Vasconcellos (2013) a relação família e escola é a mais conflitante, porque apesar de ambas terem como objetivo central a educação de uma criança, os papéis de cada uma devem ser diferenciadas durante esse processo. Continua o autor que a família, de maneira generalizada, delega algumas obrigações da educação ao filho à escola e ao professor, eximindo-se do seu papel fundamental de parceira da instituição de ensino na educação da criança.

Os professores, frente a essa nova obrigação, se vêm forçados a responder pelo comportamento positivo ou negativo do aluno, além de se preocupar com as atividades e currículo inerentes à escola.

Cada escola, em conjunto com os pais, deve encontrar formas peculiares de relacionamento que sejam compatíveis com a realidade de pais, professores, alunos e direção, a fim de tornar todos os aspectos da escola – pedagógico, do conhecimento, físico e psicológico como fatores de crescimento e de real envolvimento entre todos os segmentos, para a possibilidade desse desenvolvimento ser harmônico e eficiente. (KNOPF; CERUTTI, [S.d], p.1).

A família deve participar da vida do educando, para que o mesmo alcance o desempenho esperado e associar a escola não como um espaço separado, incômodo, do planejamento familiar, mas como um espaço que é de todos, pais, alunos, professores e comunidade.

3.1 A família, a afetividade e a preparação dos filhos para além dos limites

Os pais muitas vezes por serem jovens demais, ou, por não terem tido condições financeiras, afetivas ou tempo para realizar seus sonhos de infância, acabam atendendo os desejos dos filhos, para não ficarem com o sentimento de culpa, com isso, a educação, os limites e as boas maneiras muitas vezes são postas de lado.

A impressão que tenho é que influências culturais e familiares, falta de disciplina e limites sofridos pela criança estão diminuindo bastante enquanto aumentam as tecnológicas, globalizadas, que cercam todo o mundo. O que escrevo sobre a educação brasileira serve também para as crianças do Japão, dos Estados Unidos, do mundo hispânico, da Europa e de qualquer outra parte do mundo. (TIBA, 2007, p.238).

Observa-se que as crianças estão perdendo os valores culturais, passados de geração em geração na família, e passam a vivenciar culturas e valores totalmente diferentes através da globalização, independente de que parte do mundo elas estejam (MARIANO, 2009).

Segundo Aquino (1996) a melhor disciplina é a regida pela liberdade e pela afetividade, contudo, muitos pais se perdem nela. Liberdade só tem valor quando associada à responsabilidade, e essencialmente disciplina para usá-las.

Independente da estrutura familiar que a criança vive, esses valores devem ser transmitidos pelos pais. Ela é a base para o desenvolvimento de um ser humano, mas também na necessidade das relações afetivas e interpessoais. Sabe-se que a afetividade é de fundamental importância para a sobrevivência do ser humano. Para Lopes (2003) o afeto é essencial, sem este afeto o ser humano não se desenvolve adequadamente. Entre as funções sociais da família, encontra-se a transmissão da cultura e a apropriação do exercício da cidadania, a partir de processos afetivos.

O autor (p. 33) ainda afirma “os pais têm de se preparar, é preciso se atualizar-se. Não é mais possível ser um educador baseado somente nas próprias experiências como filho. Pois seria como usar martelos para corrigir programas de computador.”

Percebe-se que os pais devem exercer bem esse papel de educador, e não pensar que técnicas utilizadas por seus pais na criação deles, vão funcionar com essa nova geração de crianças, tudo mudou, inclusive a forma de educar seus filhos.

Lôbo (apud MARIANO 2009, p.11) afirma que “a restauração da primazia da pessoa, como ser que está em um contexto histórico nas relações de família, na garantia da

realização da afetividade, é a condição primeira de adequação do direito à realidade. Esta mudança de rumos é inevitável”.

Completa Silva (2004, p.56) que “Este comportamento não implica só na falta da afetividade, mas, também na perda de valores, mas tem provocado grandes problemas para toda uma sociedade que paga o preço de uma geração sem limites, descompromissada, superficial e imediatista, perdendo valores importantes.” Segundo o mesmo autor estes fatores que deveriam ter adquirido no aconchego familiar, conectados com a emoção, mas algumas vezes são transmitidos para a escola esta responsabilidade.

3.2 A Escola, a (in) disciplina: o desafio de educar

Para discutir a indisciplina, faz-se necessário entender o que é disciplina.

Segundo o dicionário Michaelis (2009) disciplina, sf. (lat disciplina). 1. Ensino, instrução e educação. 2. Limite. 3. Relação de submissão de quem é ensinado, para com aquele que ensina; observância de preceitos ou ordens escolares: Disciplina escolar. 4. Sujeição das atividades instintivas às refletidas. Obediência à autoridade. 5. Procedimento correto. 6. Castigo, mortificação. Assim, da mesma forma que disciplina é entendida com educação, também, segundo o dicionário é entendida como castigo. Portanto, discute-se a indisciplina a partir da disciplina e do limite.

O termo ‘indisciplina’ quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras [...] (SILVA 2004 apud FONTENELE [S.d.]). Ao contrário do que se pensa, a indisciplina escolar é como se se fosse uma resposta aos mimos ou, aos castigos que a criança recebe em casa.

No caso da escola, afirmam os autores (2004), todas as vezes que algum aluno desrespeitar alguma norma poderá ser visto como indisciplinado. Continua afirmando que um dos grandes problemas enfrentados atualmente pela comunidade escolar é com a falta de limites que os educandos chegam nesse espaço, que deveria ser de aprendizagem, de aquisição de conhecimentos, de troca de saberes, de convivência e principalmente de educação. Percebe-se que esta última palavra está em desuso e muito menos aplicada dentro e fora dos muros escolares.

Para Aquino (1996, p. 48) “A escola está recebendo uma nova geração de indivíduos cada vez mais tecnológicos, individualizados, menos curiosos, mais acelerados e com menos entusiasmo para aprender.” Nesse sentido, regras comportamentais, limites, valores,

também são para eles algo que os afrontam e, por isso negam essa conduta, transgredindo o que é imposto não conseguindo conviver em grupo nem interagir de forma sociável, problema para pais, professores, escola e sociedade. Discutem-se os termos disciplina, indisciplina e limites.

Para Silva (2004) é imprescindível que nos dias atuais fique bem claro a quem fica delegada a responsabilidade sobre a educação das crianças e adolescentes. Não obstante, há um equívoco, principalmente, no que diz respeito ao senso comum, que acaba atribuindo essa responsabilidade somente às instituições de ensino, eximindo a família e a sociedade desse papel.

Completa Aquino (1996) que o que parece é que todos os responsáveis pela disciplina destas crianças e adolescentes encontram-se perdidos sem de fato ter a quem recorre. O professor não sabe mais até que ponto pode intervir nas atitudes dos alunos. Nas famílias, está cada vez mais difícil a convivência, e o diálogo não encontra mais espaço. Vive-se em um momento difícil, que é reflexo de todo um processo de transformação entre gerações.

Professores, entregues a sua própria sorte em salas de aula, frequentemente, com lotação excessiva, responsabilizam as estruturas familiar e escolar pelos atritos e desgastes ocorridos com seus alunos. Limites? Quem dá à criança de hoje a noção de seus próprios limites? Volta o “jogo de empurra”, em que pais responsabilizam professores, estes culpam a estrutura educacional e está última devolve para ambos a responsabilidade que ninguém quer assumir. (VASCONCELOS, 2001, p.23).

Percebe-se a importância de um trabalho de parcerias, entre a estrutura escolar, familiar e principalmente com a direção da escola. É importantíssimo tentar trazer a comunidade escolar para dentro da escola. Para Aquino

[...] a primeira geração educou seus filhos de maneira patriarcal, com autoridade vertical – o pai no ápice e os filhos na base. Esta era obrigada a cumprir tudo o que o ápice determinava. Com isso, a segunda geração foi massacrada pelo autoritarismo dos pais, e decidiu refutar esse sistema educacional na educação dos próprios filhos. Na tentativa de proporcionar a eles o que nunca tiveram, os pais da segunda geração acabaram caindo no extremo oposto da primeira: a permissividade. Porém, famílias e professores devem estabelecer um intercâmbio na educação cada um no seu terreno. (AQUINO, 1996, p. 68).

As crianças e jovens a que se refere o autor foram levadas a exigir muitos direitos esquecendo-se que ao lado deles estão seus deveres, recusando-se a absorver qualquer valor que tenha a intenção de ser transmitido pelos pais ou pela escola. O que tem causado um dano imensurável em seu desenvolvimento e nas relações interpessoais, o que poderá trazer

consequências graves para seu futuro como cidadão e profissional.

Segundo Mariano (2009) na família que se estabelecem os primeiros valores, limites, regras e as faz de maneira que se tornem a primeira menção de autoridade com equilíbrio, aonde os resultados assertivos ou negativos serão demonstrados em seguida na escola. Quando se fala em disciplina, importante ter presente que a escola nunca educará sozinha, mas é preciso que se mantenha o diálogo entre escola, pais e filhos. As questões indisciplinadas que acontecem na escola refletem no clima de aprendizagem, nas condições de ensino e aprendizagem, nos relacionamentos humanos, nos alunos e na sua capacidade de se adaptar ao ambiente coletivo (TIBA, 1997).

Quanto à parte educacional se atribui à escola o papel de família, quando o certo seria trabalhar em parceria para o pleno desenvolvimento de uma pessoa. Não se pode atribuir à escola as responsabilidades, cuidados, acolhimento e amor, que são tarefas de uma família. A escola não é substituta da família, mas infelizmente na atual situação do país e por negligência de governos irresponsáveis e descompromissados com o pobre cidadão, a escola acaba sendo o único espaço onde a criança vai encontrar o que lhe falta em casa, isso quando tem uma. (AQUINO, 1996, p. 69).

Os pais hoje em dia não têm tempo de dar a devida atenção e orientação sobre os verdadeiros significados da educação. Aliás, nem eles sabem. Hoje jogam tudo para cima da escola. Assim, no momento que a indisciplina interioriza para a sala de aula, são muitos fatores que a mesma gera: o desinteresse do aluno, inquietação, incapacidade de prestar atenção, na maioria das vezes impedem as crianças de aprender. Quando a família, segundo Aquino (1996) acompanha os resultados de ensino e aprendizagem dos filhos, tem resultados positivos. Diante de tal postura a criança se encontra mais motivada em estudar e pesquisar algo que lhe interesse. Motivação e competência são fundamentais para que se obtenha a essência da educação.

O grande desafio em educar as crianças, seja na família ou na escola, é que as crianças estão perdendo os valores culturais, passados de geração em geração na família, e passa a vivenciar culturas e valores totalmente diferentes através da globalização, independente do contexto em que encontre – família ou escola, e que em que parte do mundo elas estejam.

Para Vasconcelos (2001) discutindo a responsabilidade de educador é evidente a importância do educador (professor), no desenvolvimento do ser, na formação deste indivíduo, em uma pessoa mais crítica e reflexiva. É na escola que a criança passa a maior

parte do seu tempo, e é de suma importância que o professor esteja pronto para assumir o seu compromisso a ser atingido.

O sujeito-professor como participante da cena enunciativa, revela comportamentos e atitudes conseguidos e perpetuados através de todos os séculos, como os diferentes valores, como a ética demonstrando talvez os fatores mais importantes na sala de aula tendo, portanto, um grande efeito sobre a questão disciplinar no quadro social. (VASCONCELOS, 2001, p.114).

São diferentes fatores, mas especialmente os valores éticos anteriores à etapa de escolarização da criança, que permitirão que ela se torne capaz de conviver harmonicamente com outras pessoas, obedecendo aos próprios princípios da responsabilidade, solidariedade, reconhecimento dos direitos dos outros e compreensão de regras comuns. Se a família não fornece esses valores, fica a cargo da escola, mas especificamente do professor, assumir tal responsabilidade (VASCONCELLOS, 2001).

Nota-se, que o professor tem um papel claro na sala de aula e ao mesmo tempo responsabilidades muito complexas. E é por isso que ele deve estar sempre buscando conhecimentos, na formação continuada, pois a cada dia, poderão surgir obstáculos no seu caminho que precisam ser vencidos a qualquer maneira.

4 CONCLUSÃO

O entendimento de que família influencia muito na vida da criança, seja na escola, em casa, na vida em sociedade, é imprescindível para a conscientização sobre a necessidade do acompanhamento familiar. A família é a base para a criança, uma vez que através dessa ela interfere tanto positiva quanto negativamente na formação desse indivíduo.

Podemos afirmar que o pedagogo e a instituição escolar em si, tem uma jornada para conquistar: conscientizar a família da necessidade de participar da vida escolar do filho, principalmente aquele com a interação constante com o professor, que acompanha o aluno dia a dia, que está com ele na sala de aula, e sente de perto o comportamento e seu desenvolvimento.

Em muitas situações a família tornou-se permissiva, deixando o real valor da educação de lado. Muitas vezes o estabelecimento de limites seja do ‘sim’ ou do “não” que a criança irá ouvir, acontece na escola, pela professora. Diante de uma situação como esta, pode haver o comprometimento da aprendizagem deste indivíduo, tornando-a difícil tanto para a escola quanto para a família que tem dificuldade de estabelecer regras e limites.

Este artigo requer um maior aprofundamento, pois no cotidiano escolar pode-se deparar com diversos casos, com várias situações que deverão ser abordadas com cautela, respeitando a subjetividade do aluno, e não tomar decisões precipitadas: é necessário um trabalho em equipe, aluno, professor, família.

Conclui-se, que o professor e a família tem um dever a ser cumprido, uma meta para ser alcançada, acreditando na possibilidade da educação, acreditando que a educação transforma pessoas, e as pessoas transformam o mundo.

PROBABLE CAUSES OF FAMILY INFLUENCE IN INDISCIPLINE SCHOOL CHILD

ABSTRACT

This school work analyses probable causes of the influence of Family discipline and indiscipline child stretching from the family environment to the educational institution. The importance of it is caused by the fact that some behaviors of children are considered inadequate in the classroom. The objective of this work is to understand the causes of bad behavior, and what makes the children have behavior, considered unruly. The study is given by theoretical – bibliographic research, based on authors who deal with the subject. The research analyses an important factor for awareness of the discipline is in the family, in its structure, the family arrangements of today, ethical, cultural and moral values that they want to convey children. It discusses how the family deals with discipline in their daily lives. It emphasized the need for both family and school, rethink their practices as mediators of knowledge. Considering the importance of coexistence within these institutions as well as the function of forming the child-student so that it can develop its autonomy and respect for the support of this partnership on this responsibility before their roles. Family and school teach and warn in different ways but all have their share of responsibility in the formation of the individual.

Key words: *Behavior. Limits. Responsabilitie.*

REFERÊNCIAS

AIRÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Trad. Dora Flaksman. Rio

de Janeiro: LTC, 1973.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **E quando os filhos não podem ser aquilo que os pais sonharam?** 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

CONSTANTINO, Carlos Alexandre. **A história social da infância e da família.** Disponível em: < <http://pedagogiaaopedaletra.com/a-historia-social-da-infancia-e-da-familia/> >. Acesso em: 02 Jun. 2016.

CUENCA , Carmen. **Os novos arranjos familiares do mundo contemporâneo.** Disponível em: <<https://psicologacarmen.wordpress.com/2011/07/11/os-novos-arranjos-familiares-do-mundo-contemporaneo/>>. Acesso em: 21 maio 2015.

FILHO, Mário José. **Modelos familiares variam de nuclear a Disneylândia.** Disponível Em: < http://www.centrinho.usp.br/emfoco/file/foco_40/retrato_40.html >. Acesso em: 16 jun. 2015.

FONTENE , Rhyvera Silva. **Indisciplina escolar: considerações a cerca do termo.** Disponível em: <http://docplayer.com.br/11267700-Indisciplina-escolar-consideracoes-acerca-do-termo-palavras-chave-indisciplina-escolar-disciplina-ambiente-escolar.html> >. Acesso em: 06 Maio 2016.

LOPES, Maria da Glória Ibiapina. **Educação: Família, a realidade de hoje.** Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/atualidades/publicacoes-jornal-do-professor-2003-nov-educacao-04.php> > . Acesso em: 28 mar. 2015.

MARIANO, Ana Beatriz Paraná. **As mudanças no modelo familiar tradicional e o afeto como pilar de sustentação destas novas entidades familiares.** 2009. Disponível em: < <http://www.unibrasil.com.br/arquivos/direito/20092/ana-beatriz-parana-mariano.pdf> >. Acesso em: 17 maio 2015.

MICHAELLIS, **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, on line.** 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, mar. 2009. Disponível em: [https://www.google.com.br/#q=Michaelis+disciplina%2C+sf.+\(lat+disciplina\)](https://www.google.com.br/#q=Michaelis+disciplina%2C+sf.+(lat+disciplina)). Acesso em: 22 nov. 2015.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Casais e famílias uma visão contemporânea.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

SANTOS, Eleniza S. Viana. **Uma análise dos diversos arranjos familiares da atualidade.** Disponível em: < <http://www.webartigos.com/artigos/uma-analise-dos-diversos-arranjos-familiares-da-atualidade/40312/> >. Acesso em: 19 maio 2015.

TIBA, Içami. **Disciplina: Limite na medida certa.** 35. ed. São Paulo: Gente, 1996.

_____. **Quem Ama, Educa!** Formando cidadãos éticos. 20. ed. São Paulo: Integrare Editora, 2007.

KNOPF, Cassiane; CERUTTI, Janaina. **Relação entre família e a escola e seus impactos na educação.** Disponível em: <
<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/36/artigo264707-1.asp>>. Acesso em: 01 out 2015.

VASCONCELLOS, César S. Disciplina e indisciplina na escola. In: **Revista Presença Pedagógica.** v.19. n. 112. Jul./Ago. 2013.

VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho. **(In) Disciplina, escola e contemporaneidade.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.